Ano XI — Lisboa, Março de 1955 — N.º 119

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA
TELEFONES
Red. 636607 — Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

TEMAS PARA CAMINHEIROS

O escoteiro e a profissão



Um dos mais graves problemas da vida do jovem, o mais grave mesmo, é, sem dúvida, a escolha da profissão. Escolher é sempre tarefa difícil, mormente quando dessa escolha depende algo de muito importante. Da escolha da profissão depende toda a vida do jovem, da sua família, a sua situação e posição social. É por isso um acto muito importante, que deveria ser sempre tratado com muita ponderação, cuidadosamente estudado e meditado. Os factores que geralmente mais influem na escolha da profissão são o gosto, o interesse lucrativo e a facilidade de colocação. Não são, contudo, os mais importantes, embora sejam de considerar, especialmente o gosto. O jovem que tem de escolher profissão deve primeiramente verificar se possui as aptidões naturais indispensáveis ao perfeito desempenho desse mister. É necessário que a sua robustez, o seu temperamento, a agudeza e acuidade dos sentidos correspondam àquilo que esse serviço exija para uma perfeita execução. Assim, um indivíduo de fraca agudeza visual não poderá ser um motorista competente e uma rapariga de ouvido duro não fará um bom lugar de telefonista. Um rapaz de pouca destreza manual e de temperamento nervoso não poderá ser um bom relojoeiro. Mas, também, poderá acontecer que o serviço não esteja à altura das aptidões naturais do aspirante à profissão. Um rapaz inteligente ou engenhoso ocupado numa profissão que não apele suficientemente às suas capacidades, nunca poderá sentir-se interessado pelo trabalho e dará um mau profissional nesse sector.

Infelizmente, porém, nem sempre o jovem pode escolher a sua carreira. As duras exigências da vida forçam-no a «agarrar» o emprego que ocasionalmente lhe aparece ou um amigo lhe proporciona. Surgem assim, tantas vezes, os inadaptados, os medíocres, aqueles que no desempenho de um ofício ou de um lugar não conseguem nunca atingir um grau de competência que os imponha como profissionais capazes. Sempre que reconheça que a profissão não está indicada para as suas aptidões naturais, o jovem deve pôr todo o empenho numa mudança de emprego ou ofício, ainda mesmo que isso possa momentâneamente representar um prejuízo material.

Outro factor a considerar, ao seleccionar uma profissão, deve ser o gosto. É essencial que o trabalho seja executado com prazer. Só assim o profissional conseguirá progredir e ter êxito. Disse alguém que o jovem deve procurar ter prazer no seu ofício, mas se isso lhe for inteiramente impossível deve mudar de profissão. Todavia, o prazer no desempenho de um trabalho é quase sempre a consequência da própria capacidade para a sua execução e o sentido de utilidade que se reconhece nessa missão ou nesse ofício.

Adoptada uma profissão ou escolhida uma carreira, o jovem deve pôr o maior empenho, mesmo através de todos os sacrifícios, na especialização. Tudo o que ao ofício disser respeito, seja ele predominantemente manual ou intelectual, não lhe deve ser estranho. A eficiência deve ser conquistada com ardor, degrau a degrau, quer pelo estudo junto de mestres conhecedores, quer pela leitura dos manuais ou dos tratados dos técnicos mais competentes, quer ainda pelo treino constante das artes e

(Conclui na 2.ª página

Os Escoteiros Canadianos preparam o VIII "Jambori Mundial"

Os Escoteiros europeus e o Jambori

Os escoteiros canadianos continuam a preparar-se, com o maior cuidado, para receberem os seus irmãos de outras nações que ali irão tomar parte no 8.º Jambori Mundial.

Tudo é previsto com a maior prudência. Assim, em virtude das restrições cambiais que existem em alguns países da Europa, é completamente impossível aos escoteiros destes países conseguirem os dólares suficientes para se deslocarem até ao Canadá e aí permanecerem alguns dias. Por este motivo, o Chefe Geral canadiano, sr. F. J. Finay, solicitou aos grupos de escoteiros daquele país que obtivessem cada um 50 dólares, com os quais satisfariam a quota de 30 dólares, ficando os 20 restantes para os gastos pessoais de 1.000 escoteiros estrangeiros, ansiosos de participarem no grande Jambori, o primeiro do seu género que se realiza na América do Norte.

Como o objectivo é difícil de atingir, foi pedida a colaboração neste esforço de grandes organizações de todo o país.

Por aqui se pode avaliar o enorme esforço que o Movimento Escotista do Canadá está fazendo para que a reunião de Niagara-on-the-Lake fique memorável. E' que esta actividade, segundo o pensamento dos dirigentes escotistas que a estão preparando, não tem a mera finalidade de fazer propaganda do Escotismo; pretende-se, sim, alargar os horizontes de todos os escoteiros e dirigentes que ali irão e levá-los a pensar que a Fraternidade de Rapazes é algo de real no escotismo e não apenas elementos estatísticos constantes de um relatório. Pretende-se, pois, que seja esta a impressão bem vincada que fique em todos os escoteiros que estarão em Niagara-on-the-

(Conclui na 2.ª página)

22 de Fevereiro

Dia do Pensamento

O General Spry falou na B. B. C.

Na data do 98.º aniversário de Baden-Powell, o Major General D. C. Spry, director da Repartição Internacional de Escotismo, falou na B. B. C. de Londres, referindo-se largamente aos ideais do Escotismo e às virtudes que ele fomenta na mocidade. Explicou a sua organização, referiu-se à Repartição Internacional e ao Campo Internacional de Treino de Gilwell Park, onde o método escotista é ensinado segundo os seus preceitos originais. Falou também das actividades realizadas em 1954, como o acampamento de S. Paulo, e das que se vão efectuar em 1955, nomeadamente o Acampamento Mundial do Canadá, 8.º «Jamboree», e à Conferência Internacional que se lhe seguirá, actividades a que não poderão concorrer tantos Escoteiros da Europa quantos o desejariam fazer.

O General Spry referiu-se ainda ao grande incremento que o Escotismo tem tido no Mundo, pois existindo em 1941, data do falecimento de B-P, cerca de 3,5 milhões de escoteiros, existem hoje para cima de 6 milhões. Terminou fazendo referência às comemorações do Centenário do Nascimento de B.-P. e 50.º aniversário do 1.º acampamento escotista em Brownsea, que constarão principalmente de um grande «Jamboree» e «Rover-Moot» conjuntos, a efectuar em 1957 perto de Londres.

Serviço religioso de acção de graças

No Domingo, dia 27 de Fevereiro, por iniciativa da 1.ª Companhia de Lisboa das Guias de Portugal, «Grupo Rainha D. Leonor», realizou-se na Missão Presbiteriana de Algés, na Avenida D. Vasco da Gama, um culto evangélico comemorativo do aniversário de Baden-Powell. Estavam presentes deputações das Guias e dos Grupos de Escoteiros n.ºs 10, 53, 94 e do Grupo em organização na Igreja da Rua Febo Moniz. respectivos chefes, vendo-se entre o público alguns antigos escoteiros.

A prédica referiu-se à narrativa bíblica da multiplicação dos pães e dos peixes por N. S. Jesus Cristo, e ao Apóstolo André que descobriu um rapaz que possuía cinco pães e dois peixinhos e estava pronto a depositá-los nas mãos do Senhor para serem úteis. Considerando o interesse do Apóstolo pelas aptidões de um rapazinho, aptidões que aproveitadas conduziram a uma grande bênção. foi feito o paralelo com Baden-Powell que também descobriu o rapaz, aproveitou o que ele tinha de bom, procurando, com o auxílio de Deus, multiplicar as suas virtudes. Assim como através daquele rapaz o Senhor abençoou a multidão, assim a humanidade tem sido abençoada através dos rapazes e das raparigas que constituem o movimento escoteiro.

Foi também considerado o espírito escoteiro do rapaz que ofereceu a sua merenda. No meio da multidão foi o único que estava «pronto» para as circunstâncias e, como escoteiro, não tinha marchado sem ir preparado com o seu equipamento. Era além disso «generoso», pois estava pronto a dar aquilo que lhe fazia falta, desde que com as suas pequenas posses pudesse «servir». São estas virtudes próprias do Escoteiro. O Escoteiro deve empregar a sua mocidade procurando preparar-se pelo estudo, pelo fortalecimento físico, pelo cuidado com a saúde, a fim de estar preparado, «sempre pronto» para todas as circunstâncias da vida. E, sobretudo, ele deve entregar a sua própria vida a Jesus Cristo para que ele a abençoe e utilize no serviço do próximo, multiplicando as aptidões adquiridas.

No final, antes de dar a bênção, o Pastor Dr. M. Conceição Jr. referiu-se ao grande valor do Escotismo na preparação dos jovens e afirmou que cada escoteiro era um enigma, pois debaixo de uma farda de escoteiro ou de guia poderia estar um grande Homem ou uma grande Mulher, visto que se encontrava trilhando o caminho que conduz ao triunfo da vida.

O escoteiro e a profissão

(Conclusão da 1.ª página)

pelo exercício das faculdades. Particularmente para um escoteiro, a competência profissional deve ser uma questão de honra. Ele deve partir do princípio de que o seu labor profissional é a forma como contribui para o bem estar da colectividade, para o desenvolvimento do ramo do comércio ou da indústria a que está ligado e para o progresso nacional. A perfeição do produto ou do serviço que está a seu cargo deve constituir a sua grande preocupação. Ele sabe que um produto só é verdadeiramente útil se for perfeito e a perfeição é melhor recomendação para uma arte ou uma indústria. Nós, portugueses, podemos orgulhar-nos de possuir uma classe operária que prima pela boa execução das suas tarefas, embora o negociante, na ânsia do lucro, nem sempre seja honesto na manufactura do produto. O Escoteiro, porém, em qualquer sector onde empregue a sua actividade, deve ser um acérrimo defensor da eficiência, da perfeição, do «bom acabamento», qualidades que recomendam o comerciante, o profissional e impõem o produto.

Nem sempre estes princípios são fàcilmente aceites. Existe mesmo uma certa tendência para os prejudicar quando o profissional é mal remunerado. Afirma-se que o operário ou o empregado deve trabalhar na medida e na proporção do salário ou do ordenado que recebe e negligenciará as suas obrigações se não for remunerado com justiça. É certo, embora seja muito para lamentar, que a classe patronal entre nós, constituída muitas vezes por indivíduos de espírito egoísta e tacanho, é frequentemente avara na retribuição do trabalho. Negá-lo seria contrariar a evidência dos factos e prejudicar as razões fortes que temos para condenar todas as atitudes que possam conduzir a uma diminuição da actividade produtora daqueles que trabalham ou à negligência no cumprimento dos deveres profissionais. É duro, certamente, sentirmo-nos vítimas da injustiça dos homens. Contudo, o dever profissional constitui uma questão de honra para o Escoteiro e ele deve desempenhar o seu trabalho com toda a capacidade seja qual for a medida da retribuição. Se, acima de tudo, o Escoteiro está servindo a Pátria, deve servi-la com dedicação e amor.

De resto, o profissional só obterá benefícios desta atitude. No primeiro caso, quando o empregado ou o operário se desinteressa do serviço, diminui-se a si próprio, baixa o seu nível técnico, vicia-se, desce na consideração não só dos seus superiores, mas também dos seus companheiros, perde autoridade para reclamar os seus direitos, torna-se dispensável e até indesejável.

Se pelo contrário — e esta a única atitude que convém a um Escoteiro — o profissional põe todo o interesse na execução da tarefa, é exigente consigo próprio na eficiência do serviço, procura tornar-se cada vez mais conhecedor não só dos problemas do ofício mas até de tudo aquilo que nele possa exercer influência, como seja a qualidade e natureza dos materiais e das matérias primas, mercados abastecedores, fontes de produção, clientela, mercados importadores, métodos de trabalho; enriquecerá cada vez mais a sua capacidade, será considerado pelos superiores e por todos aqueles que tomarem conhecimento da sua competência, tornando-se indispensável na empresa em que servir. Nestas circunstâncias, estará em condições vantajosas para defender os seus direitos e interesses e deve fazê-lo com todo o entusiasmo e persistência. Homens que tenham uma noção desta natureza dos seus deveres profissionais e que atinjam um alto nível de competência, são sempre preferidos e muitas vezes mesmo disputados. E ainda quando as contingências da vida não permitam que o profissional seja tratado com aquele espírito de justiça a que tinha direito — e isso muitas vezes acontece — resta-lhe a satisfação do dever cumprido, o que, para um Escoteiro, é a maior felicidade, o grande objectivo da vida.

Os escoteiros canadianos preparam o «VIII Jambori Mundial»

(Conclusão da 1.ª página)

-Lake, no próximo mês de Agosto, os quais, por sua vez, a contarão aos outros escoteiros dos seus grupos ou das suas regiões, que não puderam ali ir, de forma que, tanto uns, como outros, possam aproveitar um pouco desta grande organização.

Grupos em organização

Vila Nova de Gaia

O Boletim Oficial de 31 de Dezembro p. p. publica a filiação provisória de um novo grupo de escoteiros anexo à Escola do Arco do Prado, Coimbrões, Vila Nova de Gaia, ao qual foi reservado o n.º 41. Para chefe do novo grupo está indicado o antigo escoteiro sr. Franquelim do Couto Soares e da Comissão Organizadora fazem parte os srs. capitão tenente Daniel Pina Cabral, dr. Daniel Pereira Santos de Pina Cabral, Júlio Duarte e o chefe do grupo 91, Arnaldo Couto.

Lisboa

Também, na Rua Febo Moniz, se encontra em activa organização um novo grupo de escoteiros, anexo à Igreja Evangélica Presbiteriana Lisbonense. Para chefe deste grupo foi indigitado o antigo escoteiro sr. Albano Duarte Costa, que tem frequentado o curso de chefes, e para subchefe o sr. Idílio de Oliveira Gonçalves, chefe de divisão do Grupo 94. Para os serviços administrativos foi nomeado o sr. Pedro Vital Silva Barbosa.

O novo grupo conta com todas as facilidades para o desempenho da sua actividade, possuindo uma sede privativa e podendo ainda fazer uso de um grande salão para festas e jogos.

Estão em organização duas patrulhas com o efectivo completo e muitos outros aspirantes aguardam oportunidade de ser admitidos. Os pais estão muito interessados na actividade escoteira e o grupo conta com o patrocínio de muitos amigos, pelo que se pode afirmar que nasceu outro bom grupo de escoteiros em Lisboa, motivo para todos nos felicitarmos.

Mais uma vez se verifica que, nos grandes centros, os Grupos que conseguem reunir as indispensáveis condições de desenvolvimento e progresso são aqueles que se apoiam em instituições simpatizantes do Escotismo. O Movimento tem de ser reconhecido a essas agremiações, entre as quais se contam entidades prestigiosas como a Sociedade de Geografia de Lisboa, a Associação Cristã da Mocidade, Bombeiros Voluntários Lisbonenses e algumas Igrejas e Escolas Evangélicas.

A tais entidades se deve muito da obra Escotista em Portugal.

Uma carta de Enrique Genovés

Onosso correspondente na capital espanhola, enviou-nos a seguinte carta com o pedido de publicação:

... Ante a impossibilidade de escrever pessoalmente a todos quantos nos cumularam de atenções durante a nossa recente estadia em Lisboa, por motivo de celebrar-se o feliz X Aniversário de SEMPRE PRONTO, rogo a publicação desta carta na qual desejo expressar a minha gratidão para todos os Escoteiros que de modo tão gentil e sincero nos fizeram viver a verdade de que o Escotismo é uma Grande Família.

A nossa gratidão também para SEMPRE PRONTO, a quem devemos o ter podido participar nos seus actos comemorativos.

A todos, e especialmente a ti, um abraço de

E. Genovés

Madrid, 15 de Janeiro de 1955

UMA GRANDE OPORTUNIDADE

Uma excursão a Paris no próximo mês de Setembro

A notícia da excursão a Paris promovida pelo «Sempre Pronto» com o patrocínio do Delegado do Turismo Francês em Portugal, sr. Jacques Grasset, e com a cooperação do «Office du Tourisme Universitaire», despertou o mais vivo interesse entre os nossos leitores pelas condições vantajosas em que nos propomos realizá-la. Como já dissemos o custo da excursão será apenas de **Esc. 2.000$00**, preço este que inclui:

Viagem de ida e volta,
Alojamento em Paris em quarto de duas ou três camas,
Almoço num restaurante em Versalhes,
Refeições em Paris na Casa dos Alunos da Escola Central,
Excursão a Versalhes em autocarro,
Ascensão à Torre Eiffel,
Passeio de barco no Sena,
Espectáculo na Comédia Francesa,
Entrada em Museus,
Uma visita a Paris de autocarro.

Os excursionistas pagarão as refeições e o alojamento durante os dias de viagem e as despesas do passaporte, sendo possível que se consigam condições especiais para o visto. Procuraremos obter facilidades para o alojamento e refeições durante a viagem, calculando-se a respectiva despesa em cerca de Esc. 600$00. O pagamento da viagem será feito em prestações mensais de Esc. 300$00, contando a partir do fim de Fevereiro passado.

A viagem será feita num dos mais modernos e confortáveis autocarros. As inscrições já feitas quase ocupam metade do autocarro e esperamos que até ao fim de Março corrente esteja completa a lotação, em face do grande número de pessoas interessadas. Quase todas as inscrições até agora registadas se referem a antigos escoteiros e suas esposas.

O «Sempre Pronto» alegra-se por poder proporcionar aos seus amigos e assinantes este excepcional ensejo de visitar Paris, a cidade mãe da cultura e das artes, que na história da Europa tem desempenhado um lugar de grande relevo. Podem ser pedidas todas as informações pelo telefone 636607.



A visita a Lisboa da Directora da Repartição Internacional de Guidismo

No dia 7 do corrente, esteve de visita às Guias de Portugal a Comissária sr.ª D. Leslie E. Whateley, que procurou tomar conhecimento do Movimento feminino no nosso país e trocar impressões com as suas principais dirigentes.

Para este fim, realizou-se uma reunião na qual tomaram parte as senhoras Condessa de Estarreja, comissária nacional; D. Maria Teresa de Verda, vogal; D. Cecília Abecassis Empis, tesoureira; D. Maria Vicenta de Martel, secretária do Conselho Nacional; D. Maria Rita Novais de Castro, vogal; D. Maria Palmira Santiago, comissária regional; D. Ester Seruya, D. Júlia Gomes Pena Ribeiro e D. Sara Serra, chefe e subchefe do Grupo de Guias Rainha D. Leonor, estando também presente a delegada da Repartição Internacional Miss Denise Lester.

A ilustre visitante formulou os melhores votos pelo progresso do guidismo português e ofereceu a colaboração da Repartição Internacional, tendo partido nesse mesmo dia de avião para Londres.

PELOS GRUPOS

Grupo N.º 1 — Lisboa

Passa no dia 9 de Abril próximo, o 43.º aniversário deste grupo de Escoteiros, o primeiro do continente português. Por esse motivo, realizar-se-ão de 6 a 27 de Março dois torneios desportivos, um de voleibol e outro de pingue-pongue.

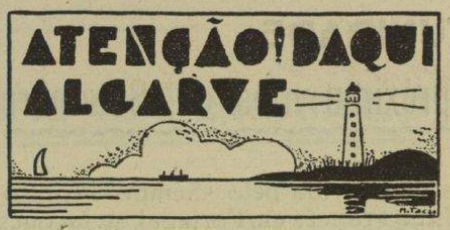
No dia 3 de Abril, realizar-se-á um desafio de futebol, no dia 9 um chá dedicado aos antigos e actuais escoteiros e suas famílias, e no dia 10 uma sessão solene, encerrando as comemorações com um desfile no dia 17.

Almoço de confraternização dos antigos Escoteiros do Primeiro Grupo

A Comissão de Festas roga a todos os seus antigos escoteiros o obséquio de lhes comunicarem as suas moradas, a fim de lhe ser possível enviar programa referente ao almoço de Confraternização que leva a efeito no mês de Abril p. f..

Grupo N.º 53 — Lisboa

Na noite de 9 do corrente, este grupo realizou mais uma sessão cinematográfica, apresentando o interessante filme colorido «As Aventuras de Tom Sawyer».



Grupo n.º 60 — Vila Real de Santo António

Festa de passagem de Ano — O «60» efectuou na noite de 31 de Dezembro a sua tradicional festa de passagem de ano, que decorreu na melhor camaradagem, com a assistência de famílias de escoteiros.

Efectuou-se o Compromisso de Honra dos aspirantes Manuel João Ramalhete Rodrigues, José A. Reis do Nascimento e Amilcar Pires Vaz, que ingressaram na patrulha «Águia» e António Sanina Mateus, Manuel José Viegas Jaime, Mário Leiria Guerreiro e Armando Monteiro de Deus, que ingressaram na «Poupa».

Após a entrega de estrelas e distintivos de 2.ª classe, foi lido o resultado final do Concurso «Taça A. E. P.», que há cerca de ano e meio era disputado com o maior entusiasmo. Classificou-se em primeiro lugar a patrulha «Lobo», que recebeu definitivamente a taça e fitas alegóricas, e em segundo lugar a «Poupa», que recebeu fitas.

Concluiu o programa com os habituais «fritos», doces e chá, tendo o Chefe do Grupo saudado com palavras alusivas a entrada do novo ano.

Cortejo de Oferendas — Referindo-se à colaboração dada pelo Grupo N.º 60 ao Cortejo realizado nesta Vila, disse a Imprensa local:

«Seríamos injustos se não salientássemos por igual o papel desempenhado no Cortejo pelo Grupo dos Escoteiros, que nele apresentou cerca de duas dezenas de rapazes. O seu carro, em cuja ornamentação se notava muito trabalho e carinho, constituiu, sem favor, uma nota verdadeiramente original, e os géneros alimentícios de toda a ordem que o enchiam, representaram um bom contributo «Dos Escoteiros para o Hospital», como lemos no cartaz que o encimava». — C.

Grupo N.º 6 (Olhão)

30.º aniversário do Grupo

Em 17 de Janeiro, passou o 30.º aniversário deste Grupo, data que foi comemorada intimamente com um chá de confraternização. Presidiu o Sr. Dr. Luís Bernardino da Silva, presidente da Comissão de Patrocínio do Grupo.

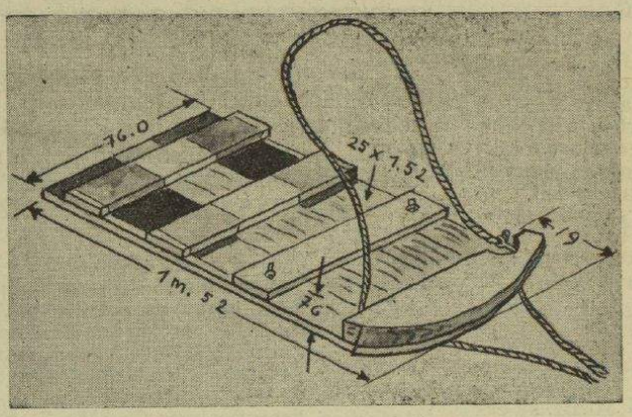
Os guias leram os relatórios das actividades das suas patrulhas durante 1954 e o Chefe fez algumas considerações sobre o trabalho realizado, leu um mapa demonstrativo do movimento do Grupo durante o mesmo ano e esboçou as suas ideias sobre as bases em que devem assentar as actividades para 1955.

Referiu-se, ainda, aos escoteiros Victor Venâncio da Conceição de Jesus e Francisco dos Santos Pedro que, além da sua muita dedicação ao Movimento, não faltaram a uma única actividade das muitas que o Grupo realizou durante 1954.

Além da imposição de estrelas de antiguidade a lobitos, escoteiros e auxiliares da D. A. F., procedeu-se à entrega dos galhardetes de «Assiduidade» e de «Honra e Mérito», respectivamente, às patrulhas Galo e Águia, que os ganharam no último trimestre de 1954, e à colocação do «Quadro de Honra» com o nome do escoteiro da patrulha Galo, Baldomiro Nunes Duarte Soares, considerado o escoteiro melhor comportado durante aquele trimestre. Como de costume, esta cerimónia provocou forte emoção, especialmente no esco-

(*Conclui na 8.ª página*)

Vamos construir um «Aquaplano»



Nasceu um novo desporto! Trata-se de um divertimento cheio de aventura, capaz de entusiasmar a gente nova. Deslizar velozmente pelas águas rebocado por um barco a motor, equilibrando-se num aparelho a que os franceses chamam «aquaplane» e a que nós poderemos chamar, parece-nos que sem atentar contra pureza do nosso querido edioma, «Aquaplano».

E vamos nós mesmo construir este aparelho. Façamo-lo durante as próximas noites de inverno na oficina da nossa Sede para que possa estar pronto a funcionar na próxima primavera. Vai ser uma alegria este exercício, que exigirá de cada um de nós vigor e domínio próprio.

PREPARA O SEGUINTE MATERIAL:



5 tábuas de 1,52 m. de comprimento × 152 mm. de largara × 25 mm. de espessura.

3 tábuas de 760 mm. de comprimento × 152 mm. de largura × 25 mm. de espessura.

1 tábua de 760 mm. de comprimento × 190 mm. de largura × 76 mm. de espessura.

2 pitões.

2 faixas de borracha rugosa.

1 corda grossa.

1 cabo de reboque.

Parafusos de madeira.

Pregos

COMO PROCEDER:

A simples observação da gravura acima te indicará a maneira de construir o aparelho. Claro que principiarás por reunir as cinco tábuas principais segurando-as com as outras três tábuas com a ajuda dos parafusos.

Colocas as três travessas distribuídas por 3/4 do comprimento das pranchas. Repara que a traseira fica um pouco afastada da borda. À frente colocas a outra prancha de 76 mm. de espessura, em seguida desbastas a frente de forma que fique arredondada. É nesta prancha que a 63 mm. de cada lado colocarás os pitões que servirão para prender a corda grossa que, à maneira de rédea, servirá para te sustentar o equilíbrio.

Atrás, de forma a passar por cima das duas travessas, pregarás as faixas de borracha rugosa. Estas tiras de borracha servirão para nelas colocares os pés impedindo que escorregues na superfície molhada.

Furar um buraco de cada lado da terceira travessa, a fim de introduzir aí as pontas do cabo de reboque, que serão mantidas por dois nós bem apertados.

A madeira deverá ser depois cuidadosamente polida a fim de evitar acidentes provocados pelas falhas.

O cordame deve ser tratado com qualquer produto que o torne impermeável à água.

E pronto! Vamos para a praia, deslizar velozmente sobre as águas no «Aquaplano» que nós próprios construímos.

Não caminhes encolhido olhando para o chão, como que envergonhado. Apruma-te e irradia um sorriso de escoteiro. — B.-P.

Esquema educativo do Escotismo

Conferência de Enrique Genovés na sessão comemorativa do X aniversário do "Sempre Pronto"

UM dever de gratidão e amizade para com o Escotismo português, e mais concretamente para com este admirável jornal «Sempre Pronto», cujo décimo aniversário estamos comemorando, abrigou-me a ocupar esta tribuna, sem mérito pessoal para fazê-lo. Temo, pois, defraudar a vossa esperança de ouvir alguma coisa de interessante. Sou um homem simples, de vida escotista intensa e difícil, acostumado ao trabalho obscuro e anónimo por amor à juventude e à natureza. E os homens forjados nesta escola do ar livre não sabem ser faladores e muito menos oradores.

Entre todos os actos organizados pelo «Sempre Pronto» como culminação de dez anos de tarefa fecunda, esta pequena palestra, que pacientemente vos dispondes a ouvir, será o único que carecerá da rutilância devida, do relevo que o «Sempre Pronto» merece, em virtude de ser eu, homem de ideios pobres, o encarregado de dizer algo que valha a pena ser ouvido.

Quisera nesta ocasião possuir o verbo dos apóstolos para expressar-vos de um modo brilhante o que é o Escotismo. Mas a minha eloquência não corresponde ao entusiasmo que o meu coração sente por esse maravilhoso sistema educativo, criação genial de um homem a quem foi dado captar de uma vez e em bloco, o espírito da juventude, os seus afãs, as suas inquietudes, enfim, a sua vida psíquica. Este Método, ensaiado pela primeira vez há quase meio século numa pequena ilha inglesa, colocou, pelos seus resultados, Baden-Powell, seu criador, à cabeça dos mais ilustres educadores de todos os tempos.

Não creio necessário ter que definir o que é o Escotismo, pelo menos no que se refere a uma definição ortodoxa. Baden-Powell, o seu criador, chamou-lhe o *grande jogo*, e é isso que é realmente. Para compreender a transcendência de tal denominação, reflexo fiel da ideia powelliana, é necessário considerar o que o jogo representa para o rapaz. É necessário voltarmos aos nossos tempos de rapazes e reconsiderar o que o jogo representava para nós. Recordar que o jogo é essencial à natureza do rapaz, necessidade vital da sua existência e a única coisa realmente séria e importante para ele. Pensar que o rapaz coloca o jogo muito acima das suas próprias necessidades fisiológicas, tais como o comer ou o dormir, e, inclusivamente, acima dos seus mais caros afectos.

Baden-Powell ficou classificado pelo seu Método Escotista mesmo ao centro da pedagogia funcional, a que traz ideias e procedimentos totalmente novos e originais, já que a diferencia das teorias dos pedagogos deste mesmo grupo, partidários da educação funcional, não se conforma com que o rapaz aprenda praticando, senão que descendo — ou elevando-se — até ao próprio mundo infantil a fim de conhecer a essência desse mundo e, estimulando as suas mais nobres tendências, as canaliza para a exaltação dos indubitáveis valores morais de que cada ser humano é portador desde o seu nascimento.

O Escotismo é um sistema complementar da instrução, um sistema que pretende ajudar a escola, a igreja, a família, tomando a seu cargo uma faceta educativa que não é atendida por estas três instituições; a formação do carácter, com vistas à consecução de bons e sadios cidadãos, úteis a si mesmos e à comunidade onde vivem. Daí ter o Escotismo sido definido como uma escola de cidadania.

Para cumprir essa missão complementar, auxiliar da formação integral, o Escotismo toma o rapaz à sua conta na idade de oito anos, época em que este está em posse plena das suas faculdades de raciocínio — dentro da mentalidade infantil — e considera terminada a sua missão quando esse rapaz de oito anos, convertido já num homem, alcança a idade de vinte e cinco anos, época coincidente com o desenvolvimento físico total do ser humano. O jovem homem está então em condições de desempenhar com êxito a missão que Deus e a sociedade lhe destinaram.

Durante esse tempo, o rapaz converte-se em adolescente e o adolescente em homem. Há pois três etapas perfeitamente definidas, com mentalidade distinta e preocupações físicas diferentes. É por este motivo que o Método Escotista, a árvore do Escotismo, tem três ramos essenciais, cada um dos quais corresponde a um período da vida psíquica do rapaz e do jovem, com procedimentos peculiares em cada ramo, ainda que representem em si uma continuidade, um todo, uma parte de um mesmo tronco. Estes três ramos conhecem-se pelos nomes de Lobitos, Escoteiros e Caminheiros, e constituem um dos grandes acertos do Método Escotista, acerto que se teria convertido em fracasso se se houvesse pretendido estabelecer um sistema único, um programa exclusivo e inflexível — ainda que fosse tendo uma dificuldade progressiva — válido para todos os rapazes compreendidos nesse período de vida que vai desde os oito aos vinte e cinco anos.

Se bem que é certo que o sistema educativo que conhecemos pelo nome genérico de Escotismo responde sempre a uma ideia única, a um objectivo final indivisível, também é certo que o seu criador teve a visão de considerar que esse objectivo único não implicava a necessidade de estabelecer uma linha, um programa e o único válido para todas as idades. Baden-Powell não pretendeu estabelecer um método ao qual tivessem de cingir-se os rapazes, mas cingiu o seu próprio Método à psicologia dos rapazes, e nisto é que está radicado o carácter genial da sua ideia.

Nas suas linhas gerais, o educador pretende fazer o rapaz à sua imagem e semelhança, aspira a que, prematuramente, o rapaz se converta num homem, num ser formal, sério e preocupado com os problemas transcendentais do mundo, para o que se vê forçado a cortar, a reprimir a enorme vitalidade da juventude.

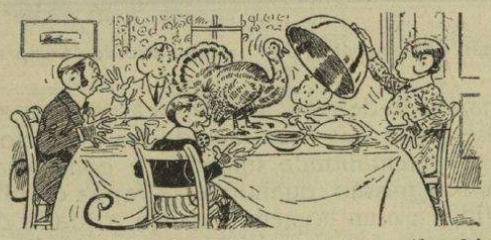
O Escotismo, como sistema educativo, sente um princípio distinto. Longe de pôr entraves à vitalidade infantil, estimula-a e canaliza-a. Não pretende gravidade no rapaz, porque normalmente é artificial, mas prefere o seu sorriso puro e franco. Em lugar de fazer rapazes-homens, faz homens-rapazes, em lugar de anular a sua personalidade, incita-a e corrige-a.

É curioso notar que a maior parte dos educadores baseiam o seu programa na negação, no «proibido». Esses «não» rotundos que se colocam no caminho do jovem, essas barreiras estabelecidas em frente do seu caminhar normal, esses obstáculos criados pela incompreensão e que estorvam a livre expansão de uma natureza pletórica que é obra de Deus, retraem o rapaz, acobardam-no, fazem-no conhecer, antes do tempo, a hipocrisia, a dobrez e o engano.

O assombroso do Método Escotista é que em nenhuma parte se encontra o «não», o «proibido». O Grande Jogo Escotista é uma grandiosa afirmação, um «sim» rotundo, uma manifestação de confiança constante. Em lugar de pôr diante dos olhos do rapaz

(Continua na 8.ª página)

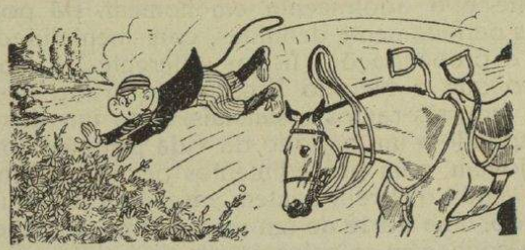
AVENTURAS DE FIFI



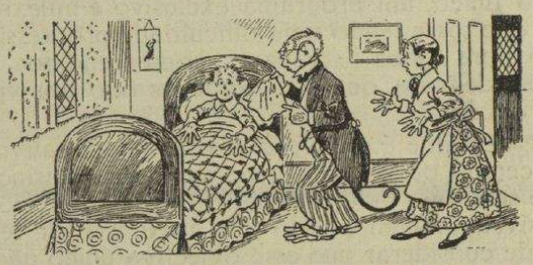
O nosso Fifi é o herói de mil peripécias. Não há nada que lhe não aconteça, nem que ele não possa fazer.

Ei-lo em acção: Como é que arranjaria o Fifi aquela habilidade? Que grande maroto!

Quem ficou contente foi o peru.

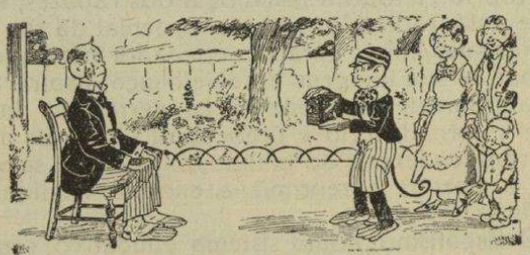


Como o tempo tivesse melhorado, resolveu ir dar um passeio a cavalo. Mas, desastrado, seria caso único não lhe acontecer qualquer aventura. Deixou-se embalar pelas velocidades e, quando o cavalo estacou diante de uma moita, ei-lo que ele vai pelo ar.



Resultado: vai permanecer algum tempo de cama, doente. Coitado do Fifi!

Mas, afinal, o desastre não teve consequências muito desagradáveis. Foi mais o susto que outra coisa. Olhem que não é brincadeira!



Ei-lo, em convalescença, tirando fotografias aos parentes, no quintal da sua casa.

Que fará ele quando estiver completamente curado?!



MAGGI

Foi o primeiro e é o mais moderno fabricante de sopas concentradas que, graças à sua rápida preparação, poupam tempo e dinheiro.

As últimas novidades das sopas Maggi, de insuperável qualidade, são:

- Creme de espargos
- Creme de cogumelos
- Creme duquesa (cereais e legumes)
- Sopa jardineira (legumes sortidos)
- Sopa de espinafres
- Canja de galinha com aletria
- Canja de galinha com arroz
- Caldo de carne

Cada embalagem permite a preparação, por simples e rápida fervura, de deliciosas sopas de requintado gosto caseiro e isentas de gosto de fábrica.

A superior qualidade das sopas Maggi reside na escolha dos melhores alimentos-base (hortaliças, legumes, cereais, carnes, etc.) e na sua esmerada preparação.

MAGGI

A GRANDE MARCA SUIÇA

«Escotismo e Campismo»

O artigo do nosso colaborador «Velho Lobo Negro do Norte», que publicámos no penúltimo número, tem merecido palavras de aplauso dos nossos leitores.

Especialmente do Sul, escreve-nos o nosso camarada João Trigueiros, escoteiro dos mais antigos e ex-chefe regional do Algarve, que afirma:

«Li o artigo «Escotismo e Campismo». Campismo é hoje a única modalidade desportiva que pratico, serena e suave «reforma» de um velho amador com mais de meio século de actividades desportivas.

Muito prazer tive em ler no vosso jornal a afirmação de que o campismo, no Sul de Portugal, foi praticado, em primeiro lugar, pelos escoteiros.

João Trigueiros tece ainda diversas considerações em que afirma a concordância com as opiniões expressas por Velho Lobo Negro Norte. Agradecemos as suas palavras de aplauso e daqui lhe enviamos as nossas saudações afectuosas.

O «SEMPRE PRONTO» E A REVISTA «ALERTA!»
VENDEM-SE NA
TABACARIA BOA-HORA
Rua Nova do Almada, 46 — LISBOA

Coopere na campanha para mais assinaturas, remetendo à Redacção o nome de um novo assinante.

Dos amigos do "Sempre Pronto"

De Luto — Pelo falecimento de sua Mãe, ocorrido repentinamente no dia 13 de Janeiro findo, encontra-se de luto o nosso estimado amigo Sr. Enrique Genovés, delegado do nosso jornal em Espanha.

Todos os que trabalham no «Sempre Pronto» apresentam as mais sentidas condolências.

Casamento — No passado Domingo, dia 30 de Janeiro, realizou-se o enlace matrimonial do caminheiro do Grupo número 10, João António de Sousa, com a menina Maria Alice de Jesus Sanuel.

«Sempre Pronto» endereça aos noivos os mais ardentes votos de felicidades e venturas pessoais.

O LIVRO DE PATRULHA

(Continuação do número anterior) — Por ANTERO NOBRE

Todas estas páginas dedicadas aos escoteiros devem ter um aspecto ordenado pela conveniente arrumação e disposição dos seus dizeres e um aspecto tão artístico quanto possível pelas suas ornamentações. Em todas se faz uma cercadura simplesmente geométrica ou ornamental, com motivos da actividade normal dos escoteiros, e as várias rubricas serão separadas umas das outras ou simplesmente assinaladas por miniaturais motivos ornamentais alusivos. Na primeira página dedicada a cada escoteiro, colar-se-á a respectiva fotografia, que poderá também ser emoldurada por um desenho qualquer; isto se não se preferir, como já vimos, juntar as fotografias de todos os escoteiros, artisticamente dispostas e emolduradas, numa só folha, logo a seguir àquela em que se apresenta a constituição da Patrulha.

A primeira página da segunda parte, além do título, conterá um desenho alusivo ao assunto que nela se trata e no verso escrever-se-á um dístico, também alusivo ou de carácter patriótico; nas páginas seguintes e pela ordem em que se forem efectuando, escrevem-se as actas ou sumários de todas as reuniões da Patrulha, quer sejam, como já se disse, de instrução ou de simples recreio, inclusive das reuniões gerais do Grupo a que a Patrulha pertence e em que tome parte. Destas actas ou sumários deve constar sempre, pelo menos: a data da reunião, o seu motivo e o assunto nela tratado; os números dos escoteiros que estiveram presentes e dos que faltaram e justificação que estes apresentaram, antes ou depois, para a sua falta; nome e categoria do dirigente que porventura tenha estado presente à reunião ou durante ela tenha visitado a Patrulha; hora a que terminou a reunião. Também estas páginas, como todas as do *Livro*, podem ser ornamentadas e ilustradas: pequenas cercaduras a envolver os textos e, no texto referente a cada reunião, um pequeno desenho alusivo ao assunto ou assuntos nele tratados. Em cada reunião — quer esteja ou não nomeado, com carácter permanente, um Secretário da Patrulha — pode-se, e é de boa prática pedagógica, escolher e encarregar um escoteiro de tomar as necessárias notas, redigir e até passar para o *Livro*, se a sua caligrafia o *ajudar*, o sumário ou acta; assim, o encargo passará por todos os escoteiros e todos beneficiarão do treino que tal trabalho pode proporcionar.

Na primeira página da terceira parte, desenha-se uma alegoria ao assunto, escrevendo-se conjuntamente o respectivo título, e no verso um artigo da *Lei do Escoteiro*, que traduza bem a lealdade dos escoteiros nos jogos e competições ou uma qualquer máxima sobre o mesmo tema ou sobre o espírito de saber perder e ganhar com honra e dignidade; na alegoria desta página pode, por exemplo, evocar-se, em belos desenhos ou aguarelas, a vida dos nossos cavaleiros medievais, com as suas Justas e Torneios. Nas páginas seguintes inscrever-se-ão, por ordem cronológica, as designações dos concursos ou competições e as classificações que neles obteve a Patrulha, com pequenos desenhos alusivos aos mesmos; para cada competição ou concurso permanente pode, até, reservar-se uma página inteira, desenhando ou pintando nela como que um *quadro de honra*, dentro do qual se escreverão as várias datas de atribuição de classificações e, destas, as que foram atribuídas à Patrulha. Os traços que definam este *quadro de honra*, dentro do qual se escreverão as várias datas de atribuição de classificações e, destas, as que foram atribuídas à Patrulha. Os traços que definam este *quadro de honra* poderão ser artisticamente ornamentados com motivos alusivos ao concurso, quer copiados do natural, quer evocativos de acontecimentos históricos ou outros de fundo educativo, que com aqueles se possam relacionar.

Quanto às restantes partes do *Livro* proceder-se-á de forma idêntica à apontada para as três primeiras, sendo interessante que a alegoria da primeira página da última parte — «Relatórios» — evoque a vida dos grandes construtores das nossas Províncias Ultramarinas, relacionando-a com a vida campista dos escoteiros; e no verso da página muito bem ficará uma máxima, uma frase, um verso com o mesmo sentido Imperial ou de Unidade Nacional, por corresponder em absoluto tanto ao espírito simultâneamente de aventura e prático e útil dos campistas, como ao seu idealismo e ao seu amor pátrio. A seguir a esta primeira folha da última parte, coleccionar-se-ão, por ordem cronológica, os relatórios de todos os acampamentos, passeios, excursões, visitas de estudo, etc., redigidos pelos escoteiros para isso nomeados, e igualmente ilustrados com desenhos alusivos e acompanhados de folhas de fotografias, recordações, etc.; para as fotografias e recordações pode, até, organizar-se volumes separados, *anexos* ao *Livro de Patrulha*, em forma de álbuns, herbários, etc.

Finalmente, permita-se-nos uma muito rápida digressão doutrinária, se assim lhe pode chamar, para justificar um procedimento técnico.

As Patrulhas não devem nascer e morrer com a entrada e saída dos rapazes que as constituem ou com a variação dos seus gostos; pelo contrário, uma Patrulha qualquer, uma vez *fundada* no Grupo, deve manter-se sempre, até mesmo quando, por qualquer motivo, não possua temporàriamente escoteiros ou tenha a sua actividade interrompida durante algum tempo, muito ou pouco: «*Os escoteiros passam... mas a Patrulha fica*», podia ser, parafraseando uma frase célebre, a norma escotista a seguir neste assunto. Assim, a Patrulha continuará sempre, através de toda a existência do Grupo, a sua *história* particular, guardará e enriquecerá gradualmente o seu *palmarés*, através das gerações de escoteiros que se vão sucedendo nas suas fileiras, e criará e manterá as suas tradições próprias, que lhe darão uma personalidade distinta entre as restantes patrulhas do Grupo, — tudo elementos de grande valor na acção educativa do Escotismo. Que honra grande e mesmo justificado orgulho não sentirão, por exemplo, os actuais componentes da «Patrulha Câmara Pestana» do Grupo n.º 13 da A. E. P., que felizmente se tem mantido desde que o Grupo se organizou há vinte e cinco anos, ao saberem que por ela passaram sucessivamente, como simples escoteiros, pessoas que vieram depois a ocupar lugares superiores no Movimento Escotista e até lugares proeminentes na própria vida da Nação: Subsecretários de Estado, Deputados, Professores Catedráticos, Directores de Serviços Públicos, Engenheiros, Oficiais do Exército e da Marinha, Presidentes, Secretários-Gerais e Escoteiros-Chefes-Gerais da sua Associação, etc.? E que influência isso não poderá ter, como estímulo, para toda a sua actividade escotista e não escotista?

Desta forma, com o decorrer do tempo, o *Livro de Patrulha* poderá atingir um volume desmesurado de folhas e algumas destas, as dos escoteiros que forem saindo da Patrulha, deixam de ter qualquer utilidade prática momentânea para o respectivo Guia, embora constituam preciosos *documentos históricos*. É costume, quando se chega a essa altura da vida da Patrulha, abrir uma nova *parte* no *Livro*, — a dos *Antigos Escoteiros*, para onde transitam aquelas folhas e na qual, em vez do quadro da constituição da patrulha, se desenha um *Quadro de Honra*, onde se inscrevem os nomes daqueles que mais se distinguiram, quer na vida escotista, quer depois na vida nacional. E quando, com o decorrer dos anos, a grossura do *Livro de Patrulha* exceda o normal ou o conveniente, vai-se mesmo ao ponto de subdividi-lo em vários volumes: um primeiro volume para tudo o que se refere aos escoteiros e antigos escoteiros, outro para as reuniões, contabilidade e inventário, um terceiro para relatórios, etc., todos organizados, ordenados e ilustrados como acima se indicou para cada uma das partes do *Livro* e cada um com a sua capa artística e diferente, conforme o seu conteúdo.

(Continua no próximo número)

IMPRENSA

«O ATENEU»

O prestimoso Ateneu Comercial de Lisboa, acaba de ter a iniciativa de publicar um órgão de Imprensa, «O Ateneu», que mensalmente virá a público, trazendo-nos as notícias daquela colectividade que à causa da educação tem prestado inestimáveis serviços, dando-nos a conhecer os seus projectos e actividades. Neste primeiro número, pudemos tomar conhecimento não só do desenvolvimento importante da sua Escola Comercial, mas também do projecto de iniciar ainda este ano a construção das suas instalações atléticas, principalmente de uma piscina, que virá a constituir um grande benefício para a população de Lisboa.

Cumprimentamos o Director e Editor de «O Ateneu», respectivamente os srs. dr. Américo Marinho e Augusto Romão Guimarães, formulando os melhores votos pelo seu progresso e expansão.

Ecos do Acampamento Internacional de Patrulhas

No Boletim Oficial publicado em 31 de Dezembro passado, foi louvado o chefe Albano da Silva «pelas qualidades de organizador e chefe exuberantemente demonstradas na preparação e condução do contingente de escoteiros que em representação da A. E. P. tomou parte no Acampamento Internacional de Patrulhas».

Também «considerando que a Delegação da A. E. P. ao A. I. P., realizado em Interlagos, S. Paulo, Brasil, desde 27 de Junho a 3 de Agosto de 1954, soube bem cumprir a missão que lhe foi confiada, dignificando o Escotismo Português e honrando o país», a Direcção louvou os escoteiros que dela fizeram parte.

• • o • •

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

ACABA DE SAIR

Desporto, Cinema e Educação

pelo Prof. António Alvaro Dória

Uma separata do «Sempre Pronto», que deve figurar em todas as estantes. Boa apresentação gráfica.

Que influência terá o Cinema e o Desporto na educação da juventude?

Esta obra responde com muita clareza a esta pergunta, analisando demoradamente um dos grandes problemas da nossa época.

Preço: Esc. 7$00

À venda nas principais Livrarias

Pedidos à Redacção do «Sempre Pronto».

Esquema educativo do Escotismo

(Continuação da 5.ª página)

um acusador e desmoralizante quadro de defeitos, mostra-lhe um maravilhoso reportório de qualidades, de valores morais. Conhecendo perfeitamente a psicologia infantil, adopta sempre a linha afirmativa, porque nela se encerra o êxito. Diz-se ao rapaz «tu és amigo dos animais e das plantas» em lugar de dizer-lhe «proíbo-te que maltrates os animais e destroces as plantas».

O primeiro caso implica uma fé na bondade do rapaz, a afirmação de que cremos franca e sinceramente em que ele não tem qualquer motivo para praticar o mal. E raras vezes o rapaz fará alguma coisa que nos faça perder essa fé que temos nele. Pelo contrário, é suficiente que se proíba uma coisa para que, por curiosidade, por teimosia, pelo inato desejo de demonstrar o seu livre alvedrio, na primeira oportunidade faça todo o possível para vulnerar essa proibição que se colocou perante os seus olhos.

O Escotismo confia no rapaz e mostra-lhe um mundo maravilhoso um mundo belo e feliz criado por Deus para gozo de todos os homens que saibam marchar através dele com o coração puro, a mente limpa e o músculo forte.

Naturalmente, essa confiança depositada no rapaz tem os seus limites. Seria contraproducente dizer ao rapaz que poderia fazer tudo quanto lhe apetecesse, já que o rapaz reúne em si um complexo de qualidade boas e más. Se tal se fizesse, o Escotismo não seria um Método, mas sim uma teoria anárquica. O Escotismo, já o dissemos, é um Método educativo, e como tal, tem um programa, uma direcção, um Código moral perfeito, e uns homens encarregados de vigiar a sua correcta aplicação. No fundo, há rigidez no nosso Método, ainda que se trate de uma regidez revestida de tais atractivos que pode assegurar-se que não existe rapaz algum, seja de que raça ou idade for, a quem não seduza as actividades escotistas. O rapaz liga-se, voluntàriamente, por seu próprio gosto, ao Escotismo, e assim é fácil de dirigi-lo, modelá-lo, educá-lo de acordo com o programa escotista.

Este programa está dividido em três fases principais, impostas pela psicologia dos rapazes segundo a sua idade, fases que, como dissemos anteriormente, se denominam Lobismo, Escotismo e Caminheirismo, e que constituem os três ramos do Movimento.

(Continua no próximo número)

ATENÇÃO! DAQUI ALGARVE

(Conclusão da 4.ª página)

teiro homenageado. Depois, fizeram a sua Promessa os novos lobitos Miguel Pereira Justino, Augusto Filipe do Nascimento, Miguel Lucas Escolástico, Salvador Feliciano de Melo e Francisco Manuel Paula Bento, seguindo-se o Compromisso de Honra do novo escoteiro Manuel António da Encarnação (vindo de lobito). Seguiu-se o chá, durante o qual reinou a maior alegria e camaradagem.

Concurso «Antero Nobre»

Terminaram as provas deste concurso (um dos mais completos jamais disputados) tendo cabido a vitória este ano, à patrulha Galo, com todo o merecimento.

Em 9 de Janeiro, teve lugar a prova de pioneria, a última do mesmo concurso. O melhor trabalho foi o da patrulha «Águia» que construiu uma ponte com varas de escoteiros e bambus, numa extensão de cerca de 9 metros, sobre a qual chegou a estar quase todo o Grupo, sem que qualquer peça cedesse.

Bivaque do Grupo

Para abertura das actividades de campo, deste ano, realizou este Grupo um bivaque, no Mato Joinal, em 23 de Janeiro. Do programa faziam parte provas preparatórias para um torneio de atletismo a realizar em 27 de Fevereiro, entre as quatro patrulhas do Grupo.

O nosso X Aniversário

Uma homenagem do Clã Lobo Gris

Os nossos dedicados camaradas do Clã Lobo Gris, de Madrid, tiveram para com o «Sempre Pronto» uma gentileza que nos sensibilizou profundamente, oferecendo-nos uma moldura contendo um pergaminho artisticamente decorado e ilustrado, com as assinaturas de todos os seus componentes.

Esta lembrança foi-nos entregue pelo nosso representante em Madrid, sr. Enrique Genovés. A todos os componentes do Clã Lobo Gris apresentamos os nossos agradecimentos.

Folhetim do "SEMPRE PRONTO" N.º 11

UMA AVENTURA NA RÚSSIA

POR MARIA E. ROPES • Trad. de *J. S. CANUTO*

O inteligente animal ergueu a cabeça, e pôs-se a cheirar. Em seguida resfolegou, e tomou a meio galope por uma estrada que atravessava, na extensão de muitas milhas, um pântano gelado. A lua olhava lá de cima para os pequenos viajantes, e as estrelas espreitavam-nos. E o Deus e Pai em Quem eles confiavam, posto que estivesse muito acima da lua e das estrelas, não lhes faltava com o seu amor e com o Seu auxílio.

— Daqui à fábrica — disse Alfredo, voltando-se na sela, — não podem ser mais de vinte a vinte e cinco milhas.

Eduardo, que ia montado por detrás dele, tinha os dois braços em volta da cintura do irmão, para não perder o equilíbrio.

— Sim, não deve ser muito mais — concordou ele; — não gastámos mais de duas horas quando viemos com o Cicatriz-Vermelha, e estou certo de que não andámos mais do que onze milhas por hora, apesar de toda a sua impaciência.

— É, contudo, uma grande caminhada para Sharik, transportando, de mais a mais, como transporta, duas pessoas — disse Alfredo; — ainda que, ele não parece importar-se muito com o peso. Não obstante, daqui a algum tempo há-de estar cansado, e quando isso suceder devemos apear-nos e dar-lhe alguns minutos de descanso e uma ração. Por enquanto, porém, é forçoso seguir para a frente o mais ràpidamente possível, porque pode ser que nos venham no encalço.

— Mas — disse Eduardo — o Cicatriz-Vermelha só com o auxílio das pernas é que nos pode perseguir, e Sharik tem-se portado como um valente; não haveria homem algum, por muito ligeiro que fosse, que nos pudesse alcançar.

— Até agora, pelo menos, não tenho tido medo disso; mas vê como a neve toma cada vez maior profundidade. O animal vai daqui a pouco enterrar-se até aos joelhos, e tem forçosamente de afrouxar o passo.

— Sim, com certeza — retorquiu Eduardo, — mas ao Cicatriz-Vermelha vai também suceder o mesmo.

— Não vai, e é isso o que me dá cuidado. Não te lembras de ver lá na cabana dois objectos esquisitos, duas coisas que tinham assim um feitio que fazia lembrar um trenó e ao mesmo tempo um bote, e que estavam ligadas a umas correias? Estavam penduradas a um canto, do lado oposto à chaminé.

— Sim — respondeu Eduardo. — Lembro-me agora por teres falado nelas; para que serve aquilo?

— Estêvão disse-me que eram sapatos para andar sobre a neve, e que se pode resvalar tão fàcilmente com eles como com os patins sobre o gelo. Os caçadores de ursos nunca deixam de andar com eles, porque, se fazem fogo sobre um desses animais, e este, enfurecido, os persegue, enterra-se na neve até às ancas, ao passo que eles, com o auxílio dos tais sapatos, põem-se logo a grande distância sem dificuldade alguma.

— Mas — disse Eduardo — tu estás realmente convencido de que o Cicatriz-Vermelha possa alcançar o Sharik, e deitar-nos outra vez a mão? Seria uma enorme desgraça para nós.

— Sim, seria a pior que nos pode acontecer — retorquiu Alfredo. — Mas olha, Eduardozinho, o melhor é a gente não estar a pensar nisso e a apoquentar-se. Lembra-te da maneira como temos sido protegidos, como temos escapado, até agora, a todos os perigos. E tenho agora a mesma convicção que tinha quando fui chamar a polícia à cidade, isto é, a de que Deus nos acompanha, que está muito perto de nós; e estou também certo de que, se confiarmos inteiramente nele, e seguirmos o caminho que Ele abre adiante de nós, tudo correrá perfeitamente.

Perseguidos pelos lobos

— Quem havia de pensar — disse Eduardo — que Estêvão se tornaria, afinal de contas, nosso amigo, que usaria de tanta bondade para connosco? Foi tudo obra de Deus, não te parece?

— Sem dúvida nenhuma — respondeu Alfredo com convicção.

— Foi pena ele não poder vir connosco, porque nos sentiríamos então completamente descansados.

— É verdade, mas bem sabes o cuidado com que ele estava àcerca do irmão. Ainda ontem ele me disse que algumas das prisões nas pequenas cidades do interior da Rússia são uns antros horrorosos onde os presos morrem de frio, de fome e de doenças, sem que pessoa alguma cá fora saiba o destino que tiveram.

(Continua)